

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 2^a ed. Trad. Lorenzo Mammi. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017, 416p. ISBN: 978-85-8285-047-3.

As *Confissões*, escritas por volta do ano 397, podem ser consideradas uma das grandes obras-primas do engenho humano. Em seus treze livros, o Santo Doutor de Hipona revela a sua própria biografia, célebre pelos percalços, com eminentes reflexões filosóficas e teológicas.

O prefácio de Mammi evidencia o quanto o texto agostiniano é “inclassificável” (p. 8). Em outras palavras: tratar-se-ia de uma obra de filosofia ou de uma biografia? Seria caracterizável pela argumentação ou pela oratória? Sobretudo poética ou exegética? Qual o seu fio condutor?

É evidente que metade da obra, os nove primeiros livros, dedica-se principalmente à narração autobiográfica. O livro X, por sua vez, trata especificamente sobre a alma, em especial sobre a memória. Mas aqui cabe ainda a pergunta: a que alma se refere? A de Agostinho mesmo ou também, de alguma forma, a nossa própria alma? Ou seja, não quereria o Autor apresentar a sua vida como um exemplo da vida de todos os homens? Os últimos três livros são dedicados à hermenêutica do primeiro capítulo do Gênesis. Ora, se considerarmos toda a digressão sobre o tempo, no livro XI, a obra seria inserida em que âmbito da ciência? A única resposta para todas essas perguntas

seria: as *Confissões* são inigualáveis e não há interpretação unívoca de seu sentido. Parece que se lê um texto com infinitas dimensões...

Sabe-se que até então havia relatos esparsos de conversão ou de gestas de grandes homens, contudo o estilo das *Confissões* é completamente inédito. A obra de Agostinho objetivava fornecer de alguma forma uma biografia a seus discípulos. Por outro lado, o texto possuía também certa natureza política, de sorte a contrastar a heresia donatista – que grassava na Igreja africana –, famosa por defender a invalidez dos sacramentos celebrados por sacerdotes considerados impuros. A resposta do Hiponense tornou-se clássica: é Deus mesmo quem atua nos sacramentos; os sacerdotes são apenas ministros (instrumentos). Outro motor para as *Confissões* estaria relacionado com a famosa doutrina da predestinação. Para o Doutor da Graça, toda decisão é dádiva. Eis a explicação de Mammi no Prefácio: “Todo o conjunto autobiográfico pode ser lido no duplo registro do pecado que afasta Agostinho de Deus e da Providência Divina que, dentro do próprio pecado, traça o caminho da reconciliação” (p. 12). Também se explicita que o caminho de interioridade conduz necessariamente à transcendência.

Mammì recorda ainda outro objetivo central das *Confissões*, isto é, louvar a Deus, tanto pelas ações boas quanto pelas más. Ou seja, trata-se aqui tanto de uma *confessio laudis* quanto de uma *confessio peccatorum*, servindo de “confissão de louvor”, alternada pela confissão dos pecados. Com efeito, “confissão” significa etimologicamente *cum+fateri*, isto é, “falar com”. Ratzinger ainda evidenciou que o termo refere-se tanto à “confissão” quanto ao “agradecimento” (p. 13-14). Outra característica, ressaltada por M. Verheijen e comentada no Prefácio, é a disparidade entre o Criador e a criatura, ou ainda, a incapacidade do homem e a sublimidade de Deus. O louvor é, pois, sempre deficitário ante o destinatário.

Conforme a explicação de diversos autores, as *Confissões* poderiam ser divididas de várias formas. Um esquema seria semelhante ao do livro *De beata vita*: inicia-se com um caminho para a verdade (1-9), alcançando o porto da verdade (10) e, por fim, revela-se a verdade (11-13). Há ainda outra divisão clássica: o princípio arquetônico de salvação (1-9), de santificação (10) e de criação (11-13).

A obra de Santo Agostinho já foi extremamente comentada e citada por vários autores em todas as épocas históricas. Cabe-nos aqui apenas uma avaliação extra sobre a presente tradução portuguesa, baseada acertadamente na edição crítica do *Corpus Christianorum* (Turnholt: Brepols, 1990). Esta segunda

edição da tradução de Mammì inclui ainda três referências às *Confissões* em obras posteriores do Autor, em particular, nas *Revisões*.

Está claro que a editora pretendeu mais a difusão do que a inclusão em parâmetros acadêmicos, pela própria índole da coleção na qual se insere. Portanto, não há qualquer demérito em excluir o texto latino para comparação, em formato bilíngue. No entanto, seria profícuo e bastante fácil acrescentar subtítulos, como tem se tornado praxe nas traduções das *Confissões*, mesmo em edições que visam o grande público.

A tradução, conferida com frequência com o original latino, é bastante fluida e, antes de tudo, não perde o sabor poético da língua de Cícero. Provavelmente é a melhor que se encontra no mercado. Seja como for, mesmo considerando que toda tradução é uma interpretação, conviria fazer algumas ponderações.

Lê-se na versão latina do livro I (XIII, 21): “*Quid enim miserius misero non miserante se ipsum*”, traduzida aqui por: “O que há de fato de mais infeliz do que o infeliz que não fica infeliz por si mesmo” (p. 53). A sugestão seria uma tradução mais próxima das palavras latinas: “O que há de fato de mais *miserável* do que o *miserável* que não se *comisera* consigo mesmo”. Essa nova versão seria inclusive mais coerente com a tradução de outro trecho mais adiante (VI, XVI, 16, p. 167): “Eu me tornava mais miserável (*miserior*) e tu, mais próximo”.

A tradução do início do livro II: “Quero lembrar minhas vergonhas (*foeditates*) passadas...” (p. 63) é também livre. Traduziria por “feiuras” ou “horrores” simplesmente, palavras mais próximas à força de expressão intencionada pelo Hiponense.

Há também algumas liberdades quanto aos tempos verbais. Eis alguns exemplos: *respondebis* [responde(ra)s] (XI, XV, 19, p. 320); *inveniebamus* [descobr(ia)mos] (XI, XV, 20, p. 320).

Em contrapartida, vale ressaltar que há acertos notáveis quando se compara com tradicionais erros de outras edições. Por exemplo, o frequente equívoco de traduzir o personagem do livro X (XXXIV, 51, p. 291) “*Tobis*” por Tobias. Nessa versão, Mammi traduz corretamente por Tobit, ou seja, o pai de Tobias.

Numa análise geral, percebe-se, ademais, que o tradutor não somente conhece a língua latina, mas também o próprio pensamento agostiniano,

de importância fundamental para a tradução de uma obra deste porte.

Por fim, faço minhas as inspiradas palavras ao final do Prefácio, que servem de reflexão: “As *Confissões* não podem ser concluídas, só interrompidas. Enquanto exercício de compreensão em ato, não podem se inscrever num gênero ou num estilo que a definiriam previamente, embora lancem mão de todos os estilos e gêneros. Nem sequer podem se fechar numa forma, porque a busca deve permanecer em aberto. São inclassificáveis por princípio. Como o próprio Agostinho sugere nas *Revisões*, foram escritas e devem ser lidas interim, entretempo, interinamente” (p. 29). O leitor tem em mãos, pois, uma obra eterna, um constante exercício de meditação, cuja “confissão de louvor” só alcançará o seu apogeu na visão beatífica.

Felipe de Azevedo Ramos, EP
(Professor – IFAT)